

# LÍNGUA PORTUGUESA: DEFESA E SOBERANIA

Maria Célia Barbosa Reis da Silva\*

A língua é mais viva expressão de nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e que representa o idioma pátrio.

Napoleão Almeida

## RESUMO

A língua portuguesa, marquise de 250 milhões de falantes, veicula e, até certo ponto, constrói cultura e identidade brasileiras e esculpe nossas estratégias de defesa. Não há como não incorporar o estudo da língua a qualquer ciência. Ela é o instrumental que propicia a transmissão de conhecimentos por meio de quem sabe articulá-la, e a esse usuário cabe exercer o poder do discurso para o bem de todos. A língua deve ser usada com coerência, coesão, simplicidade. A democracia linguística deve prevalecer. Não se pode defender a existência de “apartheid” linguístico, separando o falar do rico e o do pobre, tampouco o monolingüismo. O Brasil é celeiro de uma realidade plurilingüística, não se deve escamotear esse fato, nem negar a nenhum cidadão o acesso à norma culta, pois é nela que estão escritos os documentos que nos regem. Outras línguas estão sendo incorporadas ao dia a dia de alguns brasileiros. Razões variadas levam a esse fenômeno linguístico. O ensino da língua portuguesa, em todos os cantos deste país, deve ser meta primordial de três pastas ministeriais: Defesa, Educação e Cultura. Sem abandonar ou menosprezar a língua dos nativos, a língua portuguesa deve ser a língua veicular, aquela capaz de unir todos os brasileiros em defesa do costumes, tradições, identidade, território brasileiros.

**Palavras-chave:** Soberania. Estratégia. Identidade. Língua Portuguesa.

\* Mestrado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Pós-Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professora Associada III da Universidade da Força Aérea e da Escola Superior de Guerra, consultora e orientadora pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Contato: guinacel@gmail.com

## ABSTRACT

The Portuguese, shelter 250 million speakers, builds Brazilian culture and identity and sculpts our defense strategies. All science needs to incorporate language study. It is the instrument which facilitates the transmission of knowledge through maybe articulate it, and that user needs to exercise the power of speech for the good of all. The language should be used with consistency, cohesion, simplicity. The language democracy must prevail. You cannot defend the existence of “apartheid” linguistically speaking separating the rich and the poor, nor monolingualism. Brazil shows a reality plurilinguistic barn, one should not conceal this fact, nor deny to any citizen access to cultural norms, it is because they are written documents that govern us. Other languages are being incorporated into the daily lives of some Americans. Varied reasons lead to this linguistic phenomenon. The teaching of English in all corners of this country should be primary goal three ministerial portfolios: defense, education and culture. Without abandoning or disregard the native language Portuguese language should be the language of communication, one that can unite all Brazilians in defense of the customs, traditions, identity, territory Brazilians.

**Keywords:** Sovereignty. Strategy. Identity. Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste espaço de abertura, cabe falar da história e da formação da língua portuguesa, da situação que ocupa no cenário mundial, e da posição do Brasil, como o maior país da comunidade lusófona. A língua portuguesa<sup>3</sup> – nas manifestações verbais – não é homogênea em todos os cantos onde é falada, a despeito de ter o estatuto de língua oficial ou co-oficial, conforme endossa Celso Cunha (1970, p. 79): “Nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciações de maior ou menor amplitude.”

A língua portuguesa abriga em torno de 250 milhões de falantes em todo o mundo, a grande maioria – quase 200 milhões – no Brasil, estimando-se que esse número atinja os 335 milhões de falantes da língua portuguesa em 2050.<sup>4</sup> Ela é um patrimônio de todos e elo fraterno da lusofonia de cerca de 250 milhões de falantes.

É com essa língua que se preserva a cultura, se constrói e se solidifica identidade e se esculpe as estratégias de defesa do Brasil. Como entender

---

3 Na prática, como atesta Perini, há duas línguas portuguesas em vigor no Brasil: a escrita e a falada; “E é esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (português) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente. (2001, p. 36).

4 Segundo o jornal português Público. Disponível em: <[http://www.publico.pt/Cultura/falantes-de-portugues-irao-aumentar-para-335-milhoes-em-2050\\_1429372](http://www.publico.pt/Cultura/falantes-de-portugues-irao-aumentar-para-335-milhoes-em-2050_1429372)>. Acesso em 25 jun. 2012.

mensagens, elaborá-las sem o domínio da língua? Como transmiti-las a outros? Não há como não incorporar o estudo da língua a qualquer ciência. Ela é o instrumental que propicia a transmissão de conhecimentos por meio de quem sabe articulá-la, e a esse usuário cabe exercer o poder do discurso para o bem de todos. Michel Foucault, no seu discurso proferido na aula inaugural no College de France, em 02 de dezembro de 1970, discorre sobre os vários discursos escritos, editados em uma dada sociedade, em determinado contexto social e em consonância com os prováveis receptores. O discurso tem uma função estratégica de controle, limitação e validação das regras de poder de uma sociedade:

Por mais que aparentemente o discurso seja pouco importante, as interdições que o atingem logo e depressa revelam a sua ligação com o desejo e com o poder. E o que há de surpreendente nisso, já que o discurso - como a psicanálise nos demonstrou - não é simplesmente o que manifesta (ou oculta) o desejo; é também o que é o objeto do desejo; e já que - a história não cessa de nos indicar- o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, aquilo pelo que se luta, o poder do qual procuramos apoderar-nos. (FOUCAULT, 2010, p.18).

As intenções de um discurso devem ser transparentes e alcançar o maior público possível. O discurso público, por exemplo, não pode ser excludente em relação aos destinatários. A língua nele estruturada, portanto, deve ser usada com coerência, coesão, simplicidade. A democracia linguística deve prevalecer. Não se pode nunca defender a existência de “*apartheid*” linguístico, separar o falar do rico e o do pobre, negar ao cidadão brasileiro o acesso à norma culta, pois é nela que estão escritos os documentos que regem o país.

De certa forma até hoje, de acordo com a observação de Cilene da Cunha Pereira, o Brasil abriga uma realidade plurilinguística:

[...] a ideologia que dominou o País durante o período colonial, e prevalece de certa forma ainda hoje - qual seja o de centrar as suas reflexões apenas na unidade linguística brasileira - dá corpo às afirmações de que a imprensa escreve errado, a televisão fala errado, o povo usa mal a língua, parecendo ignorar a realidade pluriétnica, pluricultural e plurilinguística brasileira, em que ser diferente implica, necessariamente, ser deficiente.

(Disponível em: <[http://www.prof-nascimento.com/seminario\\_da\\_abl/cilene.html](http://www.prof-nascimento.com/seminario_da_abl/cilene.html)>).

Quando os portugueses chegaram, em 1500, já encontraram um território plurilíngue. Aqui eram faladas, segundo estudos de Rodrigues (1993, p. 23), cerca de 1.078 línguas indígenas.

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje, são falados por volta de 210 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de autóctones), as comunidades de descendentes de imigrantes, outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones), e as comunidades surdas do Brasil ainda duas línguas, a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e a língua de sinais Urubu-Kaapor. Somos, portanto, um país de muitas línguas - plurilíngue - como a maioria dos países do mundo. Em 94% dos países do mundo são faladas mais de uma língua. (MÜLLER, 2008, p. 3).

O plurilinguismo – remoto ou recente – não põe em risco a hegemonia da língua portuguesa. Língua homogênea é língua semimorta, em estado de agonia. A língua portuguesa está aberta aos fluxos semânticos clamados pela mundialização e pela rapidez da comunicação. A língua Portuguesa é pluricontinental, pluricultural; é, por conseguinte, uma língua de grande importância geopolítica, pois estabelece “o entendimento entre pessoas, fazendo-o com os sabores, cheiros, sons, sentimentos e emoções próprios dos seus espaços: oito países dispersos por quatro continentes”, conforme sítio do Observatório de Língua Portuguesa (2012).

Ao Estado cabe zelar pela unidade; aos usuários compete preservar a variedade e reconhecer as nuances existentes num país de território continental. É conservando a variedade que se pode ter a unidade porque essa variedade não molesta a unidade da língua ou a consciência dos falantes que dela se valem como instrumento de comunicação ou de emoção. É conservando a variedade que se pode ter a unidade. Na *Terra Brasilis*, houve vários encontros linguístico-culturais entre: os colonizadores lusos, a população nativa, os grupos africanos vitimados pela diáspora forçada da escravidão e os migrantes provenientes de diversos países, entre eles, Alemanha, Itália, Espanha, Japão, China, Coreia. Alguns deles preservam sua língua no cotidiano, no lar, porém os documentos administrativos são escritos em Língua Portuguesa. Os jovens, muitos nascidos em solo brasileiro, mesmo estudando em escolas bilíngues, aprendem nossa língua e por meio dela interagem com outros colegas que não pertencem à sua comunidade. Eles frequentam bares, festas; assistem a programas de televisão, a jogos; enfim vivem em língua portuguesa parte de seu dia. Os mais velhos arredios ao novo idioma usam-no como língua franca<sup>5</sup>, conforme em outros tempos usaram o latim. Esse convívio de outros idiomas com o português facilitou empréstimos lexicais que são

---

5 Língua franca é aquela usada como língua de contato, responsável pela comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos. A existência de muitos vocábulos provenientes do latim em várias línguas modernas, não neolatinas, deve-se ao fato de o latim, por quase um milênio, ter sido a língua franca do mundo ocidental. São vestígios da língua que revelam nossa ancestralidade linguística.

incorporados e abasileirados, e algumas acomodações linguísticas assimiladas ao dia a dia dos falantes, mas essas incorporações não ameaçam a nossa língua, só contribuem para sua dinâmica. Razões, muitas já mencionadas, justificam tal fenômeno.

A atenção deve concentrar-se nas regiões em que a ausência do Estado enseja a presença de missionários estrangeiros religiosos ou laicos que ensinam a língua deles em detrimento da língua portuguesa aos aborígenes. Tudo indica que façam isso só para alargar os horizontes de seu idioma, o qual pode promover a comunicação e ser usado como instrumento de poder e de manipulação.

O ensino da língua portuguesa, em todos os cantos deste país, deve ser meta primordial de três Ministérios: Defesa, Educação e Cultura, o que não elimina a participação de todos. Sem abandonar ou menosprezar a língua dos nativos, a língua portuguesa deve ser a língua veicular, aquela capaz de unir todos os brasileiros em torno de costumes, tradições, identidade e da defesa do território.

A Política de Defesa Nacional<sup>6</sup>, ao definir segurança, corrobora o parágrafo acima, já que a soberania e a integridade territorial são preservadas principalmente pela língua oficial, ela que:

[...] que permite ao país a preservação da soberania e da integridade territorial, a realização de seus interesses nacionais, livre de pressões e ameaças de qualquer natureza, e a garantia aos cidadãos do exercício dos direitos e deveres constitucionais. (BRASIL, 2005)

## **2 LÍNGUA PORTUGUESA – ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO**

Os locais invadidos e latinizados<sup>7</sup> já possuíam uma língua com a qual os nativos se comunicavam. Esses falantes, ao terem de usar o latim, transformavam a pronúncia em consonância com a fonética de seu léxico, incorporavam ao vocabulário latino palavras oriundas das línguas nativas. A língua portuguesa foi a última língua derivada do latim vulgar, idioma que, originalmente, era falado no Lácio, região italiana, localizada no entorno de Roma. Os romanos introduziram o

---

6 Decreto nº 5. 484, de 30 de junho de 2005, aprovado pela Política de Defesa Nacional, publicado no Diário Oficial da União, de 1º julho de 2005.

7 Os romanos impuseram sua língua, sua cultura e seus costumes aos povos conquistados. Para garantir a dominação política, os romanos exigiam que, em todo o vasto Império, o latim fosse de uso obrigatório nas escolas, nas transações comerciais, nos documentos, nos atos oficiais e no serviço militar. Entretanto, o contato dos romanos com a cultura grega deu-se de forma contrária: foi o latim que incorporou uma grande quantidade de palavras gregas que, conseqüentemente, também vieram a fazer parte da língua portuguesa.

latim, por volta do século II a. C. na região da Lusitânia<sup>8</sup>. Além do português são línguas neolatinas: espanhol, catalão, italiano, francês e romeno. Há também uma grande quantidade de idiomas usados por um menor número de falantes, como o galego (Galícia), o vêneto (nordeste da Itália), o occitano ou provençal (Provença, sul da França), o sardo (Sardenha, ilha integrada à Itália) e o reto-romanche (uma das línguas oficiais da Suíça), e dialetos como aragonês, asturiano, valenciano.

### 3 ONDE SE FALA LÍNGUA PORTUGUESA?

A língua portuguesa — patrimônio de todos e elo fraterno da lusofonia de mais de 200 milhões de falantes — é a língua oficial — sozinha ou com outra língua nativa — em Portugal, Ilha da Madeira, Arquipélago dos Açores, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. É também falado por uma pequena parte da população em Macau (território chinês que foi, até 1999, administrado pelos portugueses); no estado de Goa, na Índia (que foi possessão portuguesa até 1961).

Países de Língua Portuguesa



Fonte: Observatório de Língua Portuguesa. Disponível em: < <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt>>

8 O latim é uma antiga língua indo-europeia do ramo itálico, originalmente falada na região do Lácio, portanto o nome Lusitânia advém desse tronco remoto. Daí, o português ser denominado de a última Flor do Lácio, do latim; “incolta e bela”, nos versos de Olavo Bilac, porque o latim, levado às colônias, era o oral, falado por aqueles que colonizaram/povoaram as regiões dominadas pelo Império romano.

## Mapa dos crioulos de base portuguesa



**Fonte:** Instituto Camões, 2001. Disponível em: < <http://cvc.instituto-camoes.pt/>>

É a quinta língua mais falada do planeta e a terceira mais falada entre as línguas ocidentais, atrás do inglês e do castelhano. É a quarta língua mais usada na Internet e a segunda na “blogosfera”. É língua de trabalho em Organizações Internacionais: União Europeia (EU), Mercado Comum do Sul (Mercosul), Unidade Africana (UA), União Latina (UL), seu ensino é obrigatório nos países que compõem o Mercosul e há possibilidade de tornar-se um dos idiomas da Organização Mundial de Turismo, pela diversidade de paisagens que oferece aos visitantes que podem espargir nossa cultura, nossa culinária etc. Todos esses fatores instigam que, a cada dia, mais estrangeiros desejem, de forma funcional e prática, aprendê-la.

Quatro eventos de repercussão internacional deixam o Brasil no pódio midiático: a Copa das Confederações - 2013, entre 15 de junho e 30 de junho, em várias capitais brasileiras; 38ª Jornada Mundial da Juventude - 2013, entre 23 de julho e 28 de julho, no Rio de Janeiro; a Copa do Mundo - 2014, entre 12 de junho e 13 de julho, em várias cidades brasileiras; Jogos Olímpicos de Verão - 2016, entre 5 de agosto e 21 de agosto na cidade do Rio de Janeiro. Esses quatro eventos tornam o Brasil produto da mídia. Em vários países, juntando os quatro eventos estaremos dois meses no ar. Além da peregrinação religiosa e as competições, nossa imagem,

nossa cultura e nossa língua estarão em foco: tanto para aqueles que assistem aos eventos como para os que viajam para deles participar. O Brasil está na mídia, expostos aos quatro cantos do planeta, visível desde a notícia dos eventos até o término das Olimpíadas.

A língua portuguesa e, por conseguinte, o Brasil, precisa assumir o papel de língua de importância geopolítica de comunicação internacional efetiva. Tal participação depende da vontade do Estado de elaborar e fazer acontecer eventos internacionais (como os citados no parágrafo acima) e nacionais, projetos culturais de políticas linguísticas com repercussão na sociedade e ações políticas educativas organizadas. Nosso idioma ainda faz, de forma natural, a sua autodifusão. Talvez, caiba ao Brasil protagonizar essa propagação por meio de intercâmbio dentro do país e entre países que falam variedades da mesma língua; transmissão de nossa cultura de forma a instigar o aprendizado da língua portuguesa.

Todos esses dados promissores em termos de eventos e de expansão da língua portuguesa ainda causam espanto, dúvida em muitos interlocutores, como registra Luís Aguilar:

[...] as escolas e universidades onde se ensinam a língua e cultura portuguesas não abordam a história da língua que falaram Pessoa, Camões, Machado de Assis, Jorge Amado, Padre Antônio Vieira, José Craveirinha, Gabriel Mariano, etc. Não espanta, por isso, o espanto que sentimos por constatar que uma das línguas mais faladas do mundo seja constantemente reduzida ao lugar e papel de uma língua insignificante.(AGUILAR, 2000, s/p, online)

Ainda poderíamos acrescentar muitos nomes que trata(ra)m a língua portuguesa com esmero e lirismo em Portugal, no Brasil, Angola e Moçambique: José Saramago, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Chico Buarque, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Luandino Vieira, Mia Couto, Pepetela e tantos outros que divulgam nossa língua sob diferentes matizes culturais.

A palavra da língua sobre a língua e a(s) identidade(s) é proferida, em tom de confissão, pelo escritor angolano Mia Couto, um homem de fronteira:

Foi a aceitação da poesia como uma lógica para entender o mundo que me deu a solução. E me fez criar um modo de ser outro e outros, e me deu uma forma de desembarcar em novas entidades. [...] Essa liberdade contraria a ideia comum de que nascemos para ter uma única e singular identidade. Alguns insistem que a identidade pede pureza e essência. A única maneira de sermos puros, porém, é sermos híbridos. A verdade é que só seremos um só se formos muitos. E só seremos felizes se abraçarmos identidades plurais, capazes de reinventarem e se misturarem em imprevisíveis simbioses e combinações. (COUTO, Mia, 2007, p. 20-21).



Uma só língua abriga tantas culturas, o que prova a capacidade da própria língua de ser múltipla para veicular sentimentos e manifestações de cada povo que pensa, cria arte e desenha sua identidade no mural das culturas em Língua Portuguesa. No contato entre essas culturas, outras surgem, reinventam-se, misturam-se em coloridos entretons, estandartes dos irmãos linguísticos, pertencentes à grande pátria de língua portuguesa.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

O Acordo<sup>9</sup> é indiferente aos nativos que ainda não foram iniciados no aprendizado da modalidade verbal da língua portuguesa, mas é importante para os oito países cuja língua oficial, ou uma delas, é a portuguesa. A prática de ortografias diferentes, para uma mesma língua, embaraça a divulgação do idioma em eventos, na internet, e na troca cultural entre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A unificação pelo acordo mesmo restrito à ortografia – o que daqui a alguns anos pode gerar uma modificação na pronúncia – deve tornar a língua portuguesa mais forte, sem as diferenças ortográficas existentes nas oito pátrias que a tem como língua oficial ou co-oficial. Há também a perspectiva de crescimento do mercado cultural com a edição ou postagem de livros literários ou não, e o surgimento de parcerias para elaboração de material didático — financiado por uma política pública que vislumbre um contexto amplo — que imbrigue traços culturais locais.

#### **5 A LÍNGUA PORTUGUESA NAS LEIS**

Tanto o artigo 13 da Constituição de 1988 decreta que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil e a todo falante é garantido o direito de se expressar em Língua Portuguesa” quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394 de 1996 - dispõe que “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

A Constituição garante o direito de expressão em língua portuguesa, mas não concede aos brasileiros (aqui são incluídos os nativos) meios para que utilizem a língua verbal de forma coesa e coerente (padrão popular ou culto) para exercer plenamente o direito de cidadania. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ao excluir os nativos ou a isentá-los das aulas de língua portuguesa, nega-lhes o

---

9 O Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa (AOLP) foi assinado em 1990 por sete países de falantes do idioma português, foi aprovado no Brasil em 8 de abril de 1995. Está em vigor desde 1º de janeiro de 2009. Até 31 de dezembro de 2012, estamos no período da transição para a nova ortografia.

direito de inserção na sociedade brasileira. Alija-os de qualquer política de Estado direcionada aos cidadãos brasileiros, dedica-lhes uma política de exceção que só o afasta dos seus irmãos brasileiros. A preservação da língua materna deles não implica negar-lhes nem o aprendizado da língua portuguesa nem o conhecimento da cultura brasileira, para a qual também contribuíram. Também não inibe uma troca linguístico-cultural entre brasileiros e nativos, o que pode provocar um sentimento de pertencimento por parte de ambos: os nativos, imbuídos de brasilidade e abrigados pelo Estado, podem estender sua vigília para as fronteiras e defendê-las de elementos alienígenas; os brasileiros, ao terem contato com a cultura do outro, podem reconhecê-la como parcialmente sua. O produto desse conagraçamento pode harmonizar relações e diminuir diferenças que não existem. Antagonismos criados e acirrados para instigar o conflito e explicar algumas demandas em relação ao aborígene.

Quanto mais aspectos comuns de identidade cultural um povo tiver (idioma, história, religião, valores, crenças etc.), mais coesa é a Nação. Um dos grandes trunfos, no Brasil, é que a maior parte da população neste imenso território nacional fala português, com variações, enriquecem o bordado do tecido linguístico e ratificam o dinamismo da língua, como observa Machado de Assis:

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham o direito de cidade. (MACHADO DE ASSIS apud CUNHA, 1981, p. 21).

A língua tem que ser atual. Segundo ensina Celso Cunha (1970, p. 67): “A estagnação é a morte do idioma. A história de uma língua é justamente a história de suas inovações”. Sem a obediência cega às inflexíveis normas gramaticais, o brasileiro, como qualquer outro usuário da língua portuguesa, comunica-se com outro falante, transmite e entende mensagens. Ruídos há, mas eles também existem em função de tom de voz, de faixa etária, de classe social e/ou cultural, dentro ou fora de casa. Afinal, um dos elos mais significativos de um povo é a língua. Ela torna seus falantes cúmplices de uma mesma história. A língua é um dos constituintes da identidade nacional. Ela molda a mente e influencia na personalidade dos falantes e é um patrimônio da nação.

Aprender a língua portuguesa, defendê-la, divulgá-la e usá-la com propriedade é estratégia de defesa e de soberania. Solicitar do Estado o cumprimento do seu papel: priorizar seu ensino, para possibilitar ao cidadão brasileiro inserir-se em uma Nação que pretenda ser competitiva, evoluída, criativa, independente.

## 6 CONSIDERAÇÕES PARCIALMENTE FINAIS

As inquietações aqui registradas dão conta de um processo de pesquisa em andamento. São reflexões advindas de vivência e de leituras. Só há como tecer considerações parciais. As finais não existem, ainda mais quando se trata de um tema vivo, instigante como a língua portuguesa e todos os subtemas que lhe são transversais.

O Brasil – por meio principalmente dos Ministérios da Defesa, Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia – deve volver suas forças em prol da preservação/proteção de suas fronteiras. Essas mãos que protegem o território brasileiro devem estar irmanadas. A ideia volta de que a língua materna molda a maneira como se pensa, o que reflete a urgência da troca linguística e cultural com os nativos brasileiros. Há uma só nação, portanto, eles precisam aprender a língua portuguesa e, para que ela seja ensinada, os interlocutores/ professores devem conhecer, pelo menos, vocábulos, lendas, tradições dos primeiros habitantes da *Terra Brasilis*. A troca fará com que se sintam cidadãos brasileiros, donos e defensores da terra.

Como o pensamento e a cultura de um povo são forjados e transmitidos por meio da língua, há de se estabelecer vínculos entre pensamento estratégico brasileiro, realidade, identidade e cultura nacional e que, desse diálogo, possa advir um pensamento estratégico autônomo, original e em compasso com o mundo atual em relação à política educacional, principalmente no tocante ao ensino de língua portuguesa em todo o território nacional, conforme artigo 13 da Constituição Brasileira de 1988.

O acesso às regiões de fronteiras, tantas vezes, é restrito aos brasileiros. A vulnerabilidade de nossas fronteiras, principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste, tem sido alvo de vários estudos no âmbito da Defesa. Nessas regiões, os descendentes dos primeiros habitantes da *Terra Brasilis* falam suas línguas, oriundas do tronco tupi-guarani, e muitos não sabem e não são estimulados a falar português. Aí, está uma lacuna que deve ser preenchida por nós, professores, civis, militares, cidadãos que se preocupam com a defesa do nosso território, que é deles também. O aprendizado da nossa língua — expressão-mor da nacionalidade — fará com que se sintam cidadãos brasileiros, donos de um território que devem defender contra a invasão estrangeira de qualquer ordem.

Quanto mais aspectos comuns de identidade cultural um povo tiver (idioma, história, religião, valores, crenças etc.), mais coesa é a Nação. Grande parte da população brasileira fala português, com pouquíssimas exceções, assim mesmo localizadas em grotões indígenas de população muito reduzida, o que não representa quebra da hegemonia da língua portuguesa.

Um dos elos mais significativos de um povo é a língua. Ela torna seus falantes cúmplices de uma mesma história, de uma mesma cultura. A língua portuguesa

terá recepção entre os nativos, desde que haja uma troca linguística e cultural entre brasileiros e os que eram, aqui, soberanos antes da chegada dos colonizadores. Esse intercâmbio facilitará o diálogo e enriquecerá ambos os lados. Brasileiros e indígenas não podem ser desterritorializados em seu próprio território. Nossa língua é a nossa pátria, é o instrumento através do qual transmitimos nossa cultura e delineamos nossa identidade.

Há que se refletir para além das fronteiras brasileiras, para um novo mapa linguístico que tem como pátria comum: a Língua Portuguesa. Como corroboram as palavras do Ministro da Defesa Celso Amorim durante Aula Magna na Escola Superior de Guerra no dia 12 de março de 2012: A recente reunião de Ministros da Defesa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa demonstrou que há incontáveis possibilidades da cooperação entre as oito nações: desde a língua como veículo de cooperação e de expressão de ideias e sentimentos à questão de estratégia geopolítica.”

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Luís. A língua portuguesa na galáxia das línguas do mundo e no ciberespaço. In: *Teia Portuguesa*.

Disponível em: <<http://www.teiaportuguesa.com/webquestslinguaportuguesa/nasgalaxiasdaslinguasdomundo.htm>>. Acesso em: 15 maio 2011.

BRASIL. Decreto nº 5.484, de 30 de junho de 2005. Aprova a Política de Defesa Nacional, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm)>. Acesso em: 13 jun. 2011.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96* – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988): promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional nº 20, de 15 dez. 1998. 21. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.484, de 30 de junho de 2005. Aprova a Política de Defesa Nacional, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm)>. Acesso em: 13 jun. 2011.

COUTO, Mia. Três fantasmas mudos para um orador luso-afônico. In: VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa e Identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e a realidade brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. (Col. Temas de todo tempo 13).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Plurilinguismo no Brasil*. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL), 2008.

OBSERVATÓRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em:  
<<http://observatorio-lp.sapo.pt>> Acesso em: maio de 2012.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PEREIRA, Cilene da Cunha. *Causas do mau aprendizado da língua portuguesa*. Disponível em:<[http://www.prof-nascimento.com/seminario\\_da\\_abl/cilene.html](http://www.prof-nascimento.com/seminario_da_abl/cilene.html)>. Acesso em: 22 jun. 2012.

RODRIGUES, A. D. I. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*, v. 16, n. 95, nov. 1993.